

A evolução do vestir

Setembro de 1872

A evolução da forma de nos vestir apresenta uma forte analogia àquela dos organismos, conforme explicado pelas modernas teorias da evolução. Com este artigo, eu me proponho a ilustrar algumas das características que eles apresentam em comum, como também mostrar que o princípio expresso no provérbio "Natura non facit saltum" (a natureza não dá saltos, em latim) é verdadeiro tanto a um como a outro. A lei do progresso aplica-se à evolução do vestir, integrando-as em uma relação de continuidade quase que completa. Em ambos os casos, uma forma dá origem a outra subsequente, melhor adaptada ao ambiente que a rodeia. Assim, quando cavalgar deixou de ser, por algum tempo, a maneira habitual de se viajar e não era mais preciso que os homens de negócios estivessem sempre vestidos e prontos para tal, calças até os joelhos e botas deram lugar às calças compridas. É evidente que o costume de se usar um pesado sobretudo de inverno, hoje tão em voga, se tornou comum com as viagens de trem e dificilmente poderia ter se difundido no século passado, quando os homens locomoviam-se de carruagem e onde não havia espaço de sobra para uma peça de vestuário tão volumosa.

Uma invenção apresenta certa analogia com uma nova variação que ocorre no mundo animal; muitas são estas invenções e muitas estas variações. Aquelas que não são realmente vantajosas definham e desaparecem e aquelas que são verdadeiramente benéficas, são incorporadas através da "seleção natural", tornando-se um novo item em nosso sistema. Este fato pode ser muito bem ilustrado ao lembrarmos como os casacos Macintosh e chapéus maleáveis se tornaram peças um tanto quanto importantes na nossa forma de vestir.

Portanto, eu repito, o grau de avanço na escala do vestir pode ser calculado com

alguma precisão, na medida em que vários "órgãos" são especializados. O estilo de se vestir comum dos cavalheiros de cerca de sessenta anos atrás, por exemplo, é a moda masculina de se vestir à noite dos dias de hoje; botas de cano alto, sempre usadas pelo antiquado "*John Bull*" nos desenhos de *Punch*, têm hoje seu uso limitado aos campos de caça; e o fato de um casaco vermelho ser outrora considerado como o melhor casaco fica evidente nas considerações apresentadas pela revista "*Spectator*", de número 129, no artigo intitulado "*A Lawyer of the Middle Temple*" (Um advogado do Templo Médio - tradução nossa): "Por aqui (na Cornualha), nós nos imaginamos como vivendo à época do reinado de Charles II. As pessoas muito pouco mudaram sua forma vestir desde aquela época. Os mais modernos dos escudeiros do país ainda apresentam-se usando um chapéu *Monmouth* e quando vão fazer a corte às moças (tendo eles ou não um cargo na milícia), vestem um casaco vermelho"¹.

Entretanto, apesar da adequação normal no vestir acima mencionada, há outro fator de influência que talvez tenha ainda maior impacto na evolução do vestir: a moda. Acredito que a paixão pela novidade e a extraordinária tendência que o homem apresenta para exagerar qualquer peculiaridade, hoje tida como um indicativo de distinção social, ou importante por si só, deu origem à moda. Esta influência não difere muito em analogia à "seleção sexual", que recebeu tanta atenção recentemente em a "Descendência do Homem". Tanto nos animais como no vestir, indícios de estágios anteriores do desenvolvimento resistem ao tempo e, desta forma, preservam um registro roto da história de sua evolução.

Estes resquícios podem ser observados em duas fases distintas ou de duas formas diferentes. Primeiramente, alguns elementos do vestir têm sido mais prestigiados e exaltados do que outros através da seleção da moda e são, portanto, preservados e cristalizados, por assim dizer, como parte do nosso vestir, ainda que seu uso tenha se tornado totalmente ultrapassado (podemos citar, por exemplo, o bordado das abas dos bolsos do uniforme da corte, hoje bem fixas à casaca). Segundo, elementos inicialmente úteis deixaram de apresentar qualquer serventia e são

relegados ao desuso.

A primeira categoria dos casos encontra analogia na cauda do pavão, como explicado pela seleção sexual; e a segunda na asa do apterigídeo, conforme explicado pelos efeitos do desuso.

O Sr. Tylor nos dá muito bons exemplos do segundo tipo de remanescente quando comenta:² "Aqueles pequenas caudas do casaco de postilhão alemão, tão ridículas, mostram como eles vieram a decair até rudimentos tão absurdos; mas as tiras que circundam o pescoço do clérigo inglês já não transmitem mais sua história visualmente. Estas tiras podem parecer ser em número demasiado só até que alguém conheça os estágios intermediários pelos quais elas passaram desde aqueles colarinhos largos, tão úteis, tais como os retratados por Milton em seus quadros e que emprestaram seu nome à caixa apropriada para guardá-los. Curiosamente, tais colarinhos são usados até os dias de hoje pelos coristas do Colégio de Jesus, em Cambridge.

De acordo com idéias tais como estas, torna-se interessante tentar descobrir as marcas da origem do nosso vestir e, ao se tentar fazer isso, descobre-se que muitas das coisas aparentemente sem sentido são, na verdade, cheias de significado.

O vestir das mulheres guarda uma similaridade comum ao longo dos tempos, juntamente com uma grande variação nos detalhes e, desta forma, não representa objeto de muita observação como acontece com o vestir dos homens. Proponho, portanto, ater-nos ao último quase que completamente, iniciando-se um estudo a partir do topo do corpo e ir-se trabalhando, de cima para baixo, as principais peças do vestuário masculino.

CHAPÉUS – Inicialmente, os chapéus eram feitos de um material macio, provavelmente de tecido ou couro e, de forma a mantê-los presos à cabeça, fixou-se um cordão em toda a sua volta, gerando uma espécie de contração. Isto está ilustrado na página 524 do livro de Fairholt, "Costume in England" (O Trajar na Inglaterra - tradução nossa), no retrato de uma mulher anglo-saxã usando um capuz preso à cabeça por uma faixa; já na página 530 encontram-se as imagens de vários chapéus

usados ao longo do século XIV, os quais eram presos à cabeça por rolos de tecidos; e todos os primeiros chapéus apresentavam algum tipo de tira. Podemos identificar vestígios desta tira, ou cordão, na faixa dos chapéus dos dias de hoje e um remanescente parecido pode ser identificado nos cordões do boné escocês e até mesmo na mitra de um bispo.²

É provável que a faixa do chapéu tivesse desaparecido há muito tempo se ela não fosse utilizada com o propósito de esconder a costura que liga a copa à aba. Se esta explicação sobre ainda usarmos a faixa for verdadeira, temos aqui o exemplo de um elemento utilizado inicialmente com um fim, passando depois a ter um segundo objetivo, alterando-se assim a sua função. Este é um caso que apresenta analogia com o desenvolvimento das bexigas dos peixes, que tem como fim proporcionar leveza na água e com os pulmões de mamíferos e pássaros, que agem como uma fornalha na geração de calor animal.

As finalidades da faixa do chapéu foram incorporadas ao chapéu moderno ao fixarem-se duas tiras no forro, as quais por sua vez também se tornaram obsoletas uma vez que hoje são substituídas por um pequeno pedaço de cordão. Entretanto, este cordão agora não permite mais ajustes que fazem com que o chapéu fique mais, ou menos, apertado à cabeça.

A atual cartola apresenta características herdadas de seu predecessor, o chapéu de abas largas e copa baixa, com uma imensa pluma caindo do topo até o ombro e que era usado durante o reinado de Charles II.⁴ No final do século XVII e durante o século XVIII podíamos encontrar este mesmo chapéu, sem a pluma ou com a borda virada formando vários "bicos". A prova de que estes bicos eram meramente temporários está explícita no quadro de Hogarth que retrata Hudibras derrotando Sidrophel e seu auxiliar, Whacum. O quadro mostra um chapéu com a aba virada para cima e presa à copa por três botões. Este seria o chapéu do século XVII. Posteriormente, durante o século XVIII, a borda foi virada para cima em dois ou três lugares e, apesar destas pontas terem se tornado permanente nos chapéus, elas ainda guardaram a marca de suas origens no botão e na presilha existente no lado direito. Acredito que o cocar emprestou seu nome do fato de apresentar um símbolo preso a uma destas "pontas"

(em

inglês,

"cocks").

Analisando-se o chapéu de ponta moderno, com forma aparentemente anômala, nota-se que ele é meramente um chapéu na forma anteriormente referida. Parece ainda que o lado direito foi curvado para cima antes do lado esquerdo, uma vez que o chapéu não é simétrico e a ponta à direita forma um vinco reto na (antiga) borda, enquanto que a da esquerda está dobrada sobre a copa tornando, assim, o lado direito do chapéu mais reto do que o esquerdo. A faixa do chapéu permanece no formato de duas borlas douradas, as quais são visíveis apenas entre as duas pontas do chapéu de bicos.

Um chapéu de bispo exemplifica bem a transição entre o chapéu de três bicos e a cartola atual. Sessenta anos atrás, a moda em matéria-prima para chapéus era a pele de castor e hoje utilizamos uma imitação lustrosa, a qual não convence ninguém de que é pele e que não resiste aos efeitos do clima. Mesmo em um gorro para mulheres somos capazes de identificar elementos como a aba, a copa e a tira.

O colbaque dos hussardos oferece um exemplo curioso de sobrevivência. Hoje pode parecer ser só um adorno de cabeça da moda, mas uma observação mais atenta prova não ser bem este o caso. Originalmente, o hussardo era um soldado húngaro que trouxe seu chapéu com ele quando veio para nosso país. Achei a dica para o significado deste chapéu em uma foto de um camponês húngaro. Ele usava uma touca de dormir vermelha, algo parecido com aquela usada por nossos operários que trabalham nas cervejarias ou por um camponês siciliano. Entretanto, ela tinha na borda uma faixa de pele tão grossa que mais parecia um colbaque baixo. Hoje, a pele presa ao colbaque dos nossos hussardos aumentou de tamanho consideravelmente e a saca foi reduzida a um enfeite balançante, que pode ser removida ao bel prazer. Mais recentemente, a saca do colbaque dos Engenheiros Reais desapareceu, embora o topo do quepe (que é feito de pano e não de pele) ainda é da cor azul, como antigamente. Entretanto, não se pode ver seu topo, a não ser que observado do ponto de vista de um passarinho.

Parece que todas as rosetas e plumas são usadas no lado esquerdo do chapéu e isso pode, penso eu, ser explicado pelo fato de que uma pena muito grande, como aquela usada na época de Charles II, ou aquela da moderna Bersaglieri italiana,

impediria o livre movimento de uma espada. Esta mesma explicação pode também esclarecer o porquê da colocação de uma vira sempre no lado direito do chapéu. Um criado londrino se mostrará pouco propenso a acreditar que ele usa a roseta no lado esquerdo para dar mais liberdade de movimentos ao braço que segura a espada.

CASACOS - Todos já devem ter notado o corte na gola dobrada do casaco e do colete. Claramente, isto permite o abotoamento ao redor do pescoço, mas na condição de ser um órgão rudimentar, uma vez que o corte muito provavelmente não ficaria no lugar correto e, no colete, de qualquer forma, não há a necessidade nem de botões nem de casas.

"Pode-se dizer que o casaco moderno para cavalheiros tem sua origem na túnica (ou manto longo), usado no final do reinado de Charles II".⁵ Esta túnica parece não ser franzida na cintura e ser toda abotoada na frente – algo mais parecido com uma bolsa em formato de saco. Com o intuito de facilitar o cavalgar, apresentava uma prega nas costas, a qual poderia ser abotoada ou não, conforme se desejasse. As casas de botões eram bordadas e, com o objetivo de se ter o mesmo bordado em ambos os lados da prega, os botões eram pregados em um passamane que combinava com as casas correspondentes, do outro lado. Estes botões e suas casas deixaram sua marca nos casacos do século seguinte na forma de um cordão dourado costurado na borda das pregas das caudas.

Por volta do ano de 1700 tornou-se moda franzir a túnica, ou o casaco, na altura de cintura, o que parece ter sido feito primeiramente com dois botões pregados próximos à altura dos quadris, aproximados por laçadas e não próximo à beirada do casaco, na altura da linha da cintura. Hoje, nossos soldados marcam a cintura em seus sobretudos soltos de uma forma bastante parecida: aproximando os dois botões, colocados a uma distância considerável um do outro na parte das costas, com uma cinta curta.

Esta moda à antiga está representada na imagem de uma pessoa trajada conforme o costume de 1696, em uma ilustração antiga intitulada "*Tale of the Tub*" (Contos de Banheira - tradução nossa), como também na imagem de um dândi cheirando um ramalhete de flores, retratado em um quadro de Hogarth denominado

"*Here Justice triumphs in his Easy Chair,*" &c. (Aqui a Justiça Triunfa em sua Poltrona - tradução nossa), além de outras pinturas. Entretanto, gravuras deste período de transição do vestir são raras e não se é possível ter uma boa imagem da parte do casaco que fica embaixo do braço. Este hábito de se franzir o casaco na altura da cintura pode, acredito eu, explicar porque é que, mesmo havendo botões e casas na parte frontal, de algum modo ele era sempre usado aberto na frente.

A partir dos botões existentes na altura da cintura, o casaco caía naturalmente em algumas pregas, ou vincos. Mas na maioria dos quadros de Hogarth, embora os botões e pregas apareçam, os vincos logo acima dos botões não são mostrados e costuras vão destes até embaixo dos braços. Talvez seja importante mencionar que, em se tratando de detalhes, a precisão de Hogarth em retratá-los é notória, tornando seus quadros extremamente valiosos no estudo do vestir da época. No final do século XVII e começo do século XVIII, os casacos frequentemente apresentavam uma abertura na lateral, indo da barra e subindo até embaixo dos braços, cujo propósito era o abotoamento tal qual a abertura na cauda. A espada era normalmente carregada por debaixo do casaco e seu punho saía pela lateral aberta do lado esquerdo. Parece que, mais tarde, estas aberturas foram costuradas e os botões e casas desapareceram, exceto por dois ou três deles pregados na extremidade superior destas aberturas. Assim, por volta de 1705, era comum terem-se vários botões agrupados na extremidade destas três fendas de um casaco. Os botões de cima da abertura central desapareceram por completo, mas os outros dois botões, hoje pregados nas costas, remetem àqueles presos na altura dos quadris. Portanto, é muito provável que, embora os botões de hoje representem aqueles usados para marcar a cintura (tal como explicado acima), eles resgatem de forma parcial os botões usados para prender estas aberturas laterais, com as pontas viradas para cima.

A prega que usamos hoje nas costas, abaixo dos botões, é remanescente daquelas pregas que caíam na frente, não obstante o fato de ela parecer ter sido feita desta forma de propósito e ser, na verdade, muito comum - um encaixe para a junção das duas pregas. Entretanto, este não era seu uso original conforme indicado pelo fato de que, durante o último século, os encaixes se encontravam tanto na vertical como na

horizontal, colocados um pouco mais na frente dos dois botões da altura dos quadris (os quais depois foram levados para a parte de trás), com abas, botões e casas bastante bordadas. Os encaixes horizontais podem ser vistos hoje nas abas dos bolsos das roupas usadas em cerimônias formais da corte, conforme citado anteriormente. Já os encaixes verticais aparecem com um debrum singular e uma fileira de botões, podendo ser identificados nas caudas das túnicas da Guarda Cerimonial da Infantaria Britânica. Os detalhes da maneira pela qual este último elemento foi reduzido a sua forma atual pode ser visualizada nos livros sobre uniformes e um dos seus estágios pode ser visto hoje com frequência no uniforme dos criados: uma fileira de três ou quatro botões pregados no sentido horizontal da borda da cauda, costurados a um pedaço de tecido em forma de vieira (a aba do encaixe), a qual é costurada ao casaco.

No século passado, quando os casacos tinham pontas largas que pendiam soltas, tornou-se hábito (como pode ser constatado nos quadros de Hogarth) puxar as duas pontas do casaco para trás, abotoando-as e abotoar as pontas do lado de dentro na frente, de forma a separar as caudas e, assim, facilitar o cavalgar.⁶ Tal costume deixou seus vestígios no uniforme dos soldados quando da introdução da túnica moderna e podem ainda ser vistos em alguns uniformes como, por exemplo, nos dos tenentes britânicos ou nos da milícia francesa. Nos uniformes aos quais me refiro, os casacos apresentam caudas que lembram a cauda de uma andorinha, debruadas em toda sua extensão por bordas de cor brilhante, afiladas na parte de cima e tornando-se, gradativamente, mais largas na parte de baixo. Na parte de cima da cauda, onde as bordas se juntam (normalmente presas por um botão), há um pequeno triângulo da mesma cor do casaco, com seu vértice neste botão. Esta aparência curiosa pode ser explicada: as duas pontas, uma delas sendo abotoada para frente e a outra para trás, não podiam ser abotoadas à borda do casaco, mas tinham que ser presas um pouco mais para a parte interna do casaco. Desta forma, uma parte do casaco ficava à mostra na extremidade debaixo da cauda. A borda de cor brilhante, embora costurada ao casaco, é hoje o forro, que ficava exposto com as pontas sendo dobradas para a parte de trás.

Foi só no reinado de George III que os casacos tiveram a parte das costas

cortada na altura da cintura, tal como nossos casacos para noite de hoje. Mas mesmo antes desta moda ser introduzida, as caudas dos casacos já apresentavam a forma da cauda de uma andorinha (conforme já explicado), sugerindo que tal formato já havia sido introduzido pela moda anterior. Na verdade, estágios da evolução de uma característica de certo modo intermediária podem ser observados em gravuras antigas. Nos uniformes do século passado, os casacos eram trespassados, embora fossem geralmente usados abertos, com as bordas viradas para trás e abotoadas às fileiras de botões. É claro que estas viras deixavam o forro à mostra e eram da mesma cor da cauda; as casas dos botões eram sempre bordadas tornando, assim, a frente do casaco ricamente enfeitada. Já mais para o final do século, os casacos eram justos ao corpo e abotoados na frente por ganchos. Entretanto, vestígios das bordas ainda continuaram presentes em uma fileira dupla de botões e a frente do casaco sendo de uma cor diferente das demais partes, lindamente enfeitada. Um uniforme desta natureza ainda pode ser visto em alguns exércitos estrangeiros. Isso também parece explicar o uso do termo "adorno" aplicado à gola e ao punho de um uniforme, uma vez que, como veremos a seguir, seriam da mesma cor destas bordas. Pode também explicar o hábito de transpassar as frentes do casaco, como é feito com o casaco de nossos hussardos e de outros regimentos.

Em "*History of Male Fashions*" (História da Moda Masculina - tradução nossa), artigo publicado no *London Chronicle* em 1762, aprendemos que "hoje, os sobretudos têm quatro abas, uma de cada lado e são chamadas de "orelhas de cachorro": quando estas partes estão abertas, elas voam para frente e para trás, algo parecido com muitos pedaços de pano sobressalentes, simplesmente alinhavados a uma extremidade, como se o usuário tivesse participado de uma luta de espadas até seu casaco ficar em farrapos. Muitos dos casacos de pessoas elegantes não apresentam nem botões nem aberturas na frente, na altura do peito (exceto aquelas que estão nas orelhas) e simplesmente envolvem o corpo da pessoa, como se ela estivesse usando um roupão. "Estas orelhas de cachorro podem ser vistas de forma indistinta no peito das jaquetas dos nossos oficiais, o que é confirmado pelo fato das jaquetas não serem abotoadas, mas sim presas por ganchos.

Inicialmente, quando os casacos eram feitos de seda ou veludo e extremamente caros, era muito comum dobrar-se o punho das mangas para fora de maneira a não sujar o casaco. Assim surgiu o costume de usar-se o punho virado, mostrando o avesso. Durante o final do século XVII e ao longo do século XVIII, o costume de dobrarem-se os punhos se espalhou, deixando assim as mangas muito curtas. Isto levou ao hábito criado pelos dândis de usar largas tiras de renda nos punhos de suas camisas.

Os quadros de Hogarth e de outros pintores mostram que os punhos eram abotoados para trás a uma fileira de botões que envolvia toda a circunferência. Estes botões ainda existem nas mangas dos casacos dos Conselheiros da Rainha embora os punhos sejam costurados para trás e as casas estejam ali somente na forma de pedaços de fitas. Tal costume explica o porquê dos casacos de nossos soldados apresentarem hoje punhos de cor diferente daquela do casaco. Para cada regimento havia um casaco com o forro em cor diferente – cor esta que era determinada pelo coronel da época, uma vez que era ele quem providenciava as roupas. Sabemos que a cor dos paramentos dos uniformes militares só foi determinada recentemente e, no casaco do Regimento da Infantaria, o formato dos punhos também só foi alterado há pouco tempo e, desta forma, todo o significado original é passado.

Com o propósito de facilitar a dobra para trás, as mangas sempre apresentavam uma abertura na lateral, do lado de fora e que poderia ser fechada ao se abotoar uma fileira de botões às casas bordadas. Nos quadros de Hogarth, uns dois ou três destes botões podem ser identificados logo acima do punho virado ao contrário. E apesar dos botões não estarem originalmente à vista (como eles deveriam estar) no avesso do punho (mesmo depois deste hábito ter se tornado algo comum e quando as mangas ficaram mais justas), era frequente encontra-se o botão do punho costurado no lado correto – o de dentro. Ou seja, o verdadeiro lado de fora da manga.

A fase anterior é ilustrada pelo quadro de Hogarth intitulado “Guards marching to Finchley” (Soldados marchando para Finchley - tradução nossa) e o rudimento atual é retratado de forma excepcional nos punhos dos casacos dos mesmos regimentos de

hoje. Os botões, tão interessantes e o galão dourado nos punhos e colarinhos das túnicas da Guarda de Honra apresentam uma explicação semelhante, mas que se torna um tanto inteligível se não forem feitas referências a um livro sobre uniformes como, por exemplo, “History of the 2nd Dragoon Guards” (História dos Dragões da Segunda Guarda - tradução nossa), de Cannon.

Em um dia de clima normal, a gola de um casaco era usada virada para baixo, deixando o forro à mostra. Daí o colarinho ter, de modo geral, uma cor diferente daquela do casaco e os uniformes a mesma cor daquela dos punhos que, junto com o colarinho, formavam os chamados “paramentos”. Um retrato de Lucien Bonaparte na obra de Lacroix sobre Hábitos mostra uma gola tão grande que, caso fosse virada para cima, chegaria até o topo da cabeça. Este desenho indica que mesmo o colarinho duro mais alto usado nos uniformes durante a primeira metade deste século (de uma cor diferente daquela do casaco), era só um remanescente de uma forma mais antiga de colarinho virado para baixo. Naqueles dias, apesar da mesma diferença de cor indicar que o colarinho estava inicialmente virado para baixo, em todos os uniformes ele é feito para permanecer em pé. Os pedaços de galão ou costuras que correm em volta do pulso em casacos comuns são claramente os últimos remanescentes do hábito de se virar os punhos no avesso.

CALÇAS — Irei somente mencionar a existência de um estágio intermediário entre as calças compridas e calças com pernas justas, nas quais os botões da altura dos joelhos dos calções foram levados até o tornozelo. Já vi um servo alemão também usando uma calça com uma fileira de botões indo dos joelhos até o tornozelo.

BOTAS — um dos mais perfeitos rudimentos se encontra presente nas botas de cano alto. Tais botas foram inicialmente desenhadas para chegar até a altura do joelho e, como pode ser observado em quadros antigos, tornou-se um costume virar-se sua extremidade para fora, deixando o forro à mostra. O forro, sendo de couro não escurecido, formava uma vira marrom na ponta do cano, tal como usada hoje. A etiqueta original pode ser vista na forma de um simples tufo de couro costurado à beira, enquanto a verdadeira etiqueta era presa no lado de dentro da bota. A parte de trás da ponta também era presa, não sendo possível vira-la para cima de novo, para

sua posição original, nem mesmo por acaso.

Além disso, por que escurecemos e lustramos nossas botas? A resposta se encontra no "*cirage*" (ato de engraxar) francês, ou pretejar. Escurecemos nossas botas com preto porque o couro marrom, com o tempo e o uso, perde sua cor naturalmente, deixando algumas manchas escuras. Portanto, para que as botas tenham uma aparência bonita, elas devem ser pintadas de preto. Hoje, botas para caça são normalmente engraxadas e o fato de que era hábito dar às botas comuns o mesmo tratamento está descrito na balada em versos "Argentile and Curan" (Argentile e Curan - tradução nossa), que se segue:

"He borrowed on the working dales
His holy russets oft,
And of the bacon's fat to make
His startops black and soft."

"*Startops*" são um tipo rústico de sapatos de salto. Em seu trabalho, Fairhold afirma que "parece que a antiga graxa preta utilizada em botas e sapatos era uma substância oleosa, grossa e viscosa". Mas para botas de material mais refinado, era preciso uma substância mais pura do que graxa e, assim, usava-se a cera. E isto é demonstrado pelo uso da palavra francesa "*cirer*", que significa tanto "encerar" como "engraxar botas". Claro está que botas são lustradas uma vez que encerar requer uma graxa de primeira qualidade. Por fim, o verniz é uma imitação deste escurecimento mais comum.

Apontei aqui os principais itens do vestuário masculino e demonstrei como alguns deles, os mais curiosos, são elementos básicos ou "sobreviventes", tal como o Sr. Tylor os chama. Entretanto, uma pesquisa mais detalhada prova a existência de muitos outros mais como, por exemplo, as várias togas usadas em universidades e outros tantos lugares que nos fornecem também bons exemplos. No final do reinado da Rainha Elizabeth, estas togas eram meros artigos de vestuário para a parte superior do corpo, mas sobreviveram até os dias de hoje como símbolos. Sua principal característica estava nas mangas e é curioso notar que quase todas suas peculiaridades

apontavam para vários acessórios através dos quais o uso destas mangas foge à memória ou tem recebido menos importância. Portanto, as pregas e botões da beca de um Procurador, como também a abertura na parte da frente da manga da toga de um Bacharel em Artes têm este fim. Na vestimenta de um Mestre em Artes, as mangas se estendem até abaixo do joelho, mas com uma abertura na lateral através da qual o braço passa. A ponta da manga é costurada para cima e há um tipo de vieira na parte de baixo, a qual proporciona um estreitamento para o pulso. A beca de um advogado tem um pequeno capuz, costurado no ombro esquerdo, que dificilmente passaria pela cabeça de uma criança, mesmo se pudesse ser aberto no formato de um capuz.

Entretanto, não é somente no nosso vestir que encontramos vestígios como estes. Eles podem ser encontrados em todas as coisas do dia-a-dia. Suponha uma pessoa que viajava por uma estrada tão ruim que recostar-se no assento da carruagem era algo impossível. Esta pessoa iria entender plenamente o benefício de se ter um apoio para braços como aqueles colocados em vagões de trem de primeira-classe e iria concordar que em tais vagões eles são só remanescentes, mais nada. Os arcos de ferro arredondados presentes no topo de vagões de trem são resquícios da ideia de que uma carruagem representava o padrão a ser copiado. A palavra "guarda" deriva da palavra usada para indicar o homem que se sentava atrás da carruagem, do lado de fora e que, com seu bacamarte, defendia os passageiros e o correio.

Os primeiros trens da Companhia Ferroviária Birmingham eram compostos por vagões especiais de "correio" e eram muito estreitos de forma a assemelharem-se às carruagens que eles haviam acabado de substituir.

As palavras *dele*, *stet*, utilizadas na correção tipográfica, as palavras *sed vide* ou *s.v.*, *ubi sup.*, *ibid.*, *loc. cit.*, utilizadas em notas de rodapé, o símbolo "&" que nada mais é do que uma alteração da palavra *et*, a palavra *finis* até recentemente utilizada ao final de um livro, todas são, sem dúvida, remanescentes dos tempos em que os livros eram escritos em latim. O sinal "^" usado em interpolações parece ser o sobrevivente de uma seta indicando a inclusão de uma sentença. A "seta larga", um símbolo da realeza, é sobrevivente da cabeça de uma lança farpada, carregada pelos

Sargentos Das Armas na presença do Rei já à época de Eicchard Primeiro."⁸ Nós provavelmente montamos no cavalo pelo lado esquerdo para que nossa espada não nos impeça de fazê-lo. A pequena sela na barrigueira de um cavalo, as costuras de livros encapados com tecido e as costuras nas costas de um par de luvas são todos vestígios, mas produzir um catálogo com todas estas coisas seria praticamente um trabalho sem fim. Acredito já ter dito o bastante. Entretanto, para mostrar que ao lembrarmos que há *nihil sine causa* (Nada é por acaso, em latim), a observação até das coisas mais simples da vida cotidiana podem parecer menos triviais do que à primeira vista.

Parece ser regra geral que em ocasiões solenes ou cerimoniais os homens guardam ainda formas arcaicas. É por isso que o vestir na corte é um sobrevivente do vestir cotidiano do último século. É por isso que uniformes em geral são mais ricos em rudimentos do que o vestir comum; que o uso de uma carruagem com um postilhão é obrigatório em um casamento e que (conforme mencionado por Sir John Lubbock) os sacerdotes de uma nação bárbara, familiarizados com o uso dos metais, ainda utilizam uma faca de pedra em seus sacrifícios, tal e qual os padres anglicanos que ainda preferem velas a gás.

Os detalhes fornecidos neste artigo, embora meramente de caráter curioso e talvez sem significado por si só, mostram que o estudo da forma de vestir a partir do ponto de vista da teoria da evolução representa uma ilustração das quase infinitas ramificações às quais a seleção natural, e suas relativas doutrinas da evolução, podem ser aplicadas.

NOTAS

1. Ver p. 356 do livro de Fairholt "Costume in England:" Londres, 1846.
2. P. 16, vol. i., do livro "Primitive Culture," Londres, 1871.
3. Para a origem deste adorno de cabeça interessante, ver Fairholt, p. 564.

4. Ver Fairholt, p. 540.

5. Ver Fairholt, p. 479.³

6. Parece ter estado em uso em 1760, embora não em 1794. Ver "Hist Rec. of Brit. Army", de Cannon (Londres, 1837), the 2nd Dragoon Guards (Os Dragões da Segunda Guarda – tradução nossa).

7. Ver ilustrações, pp. 254, 311, Fairholt.

8. Fairholt, p.580.

George H. Darwin.